

O DIÁLOGO NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM OLHAR FREIRIANO PARA A PRÁTICA EDUCATIVA DE FORMAÇÃO DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS

Lilian Reis¹

Marina da Rocha²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo relacionar o conceito de diálogo presente nas obras de Freire e também de outros autores, com as cartas pedagógicas desenvolvidas em um Curso Estadual de Economia Solidária promovido pelo Centro de Formação em Economia Solidária (CFES). Foram selecionados excertos de algumas das cartas escritas por participantes do curso, a fim de ressaltar a importância do diálogo nesses espaços, entre os atores do movimento e também entre estes e o mundo. Nesse sentido, destacamos a importância do diálogo e o que ele suscita quando se estabelece de forma a promover a libertação dos sujeitos.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo ressaltar a importância do diálogo, através de uma visão freiriana, bem como de outros autores, e relacioná-lo com a formação de trabalhadores e trabalhadoras de economia solidária.

Segundo Márquez-Fernández (2014, pp. 83-84),

Dialogar significa reconhecer o outro desde uma lógica comunicativa que parte da pergunta, como princípio para o diálogo. Quem pergunta, pergunta-se desde um contexto onde o outro deve estar presente com suas diferenças e similitudes. Busca-se neste reconhecimento dialógico entrar numa experiência de pensamento na qual mais de um postulam formas de convivências e comunicação que se orientem para a obtenção de respostas compartilhadas [...]

Pensar na formação de trabalhadores e trabalhadoras de economia solidária é relacionar uma convivência não só de trabalho pelo trabalho, mas também educativo, onde o diálogo é componente primordial na relação entre todos e todas

¹ Graduanda em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e bolsista de iniciação científica UNIBIC.

² Graduanda em Letras/ Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e bolsista de iniciação científica FAPERGS e PRATIC.

os/as envolvidos/as. É (re) conhecer que a relação de diálogo está relacionada não só entre o eu e o tu, mas sim entre nós e mundo (FREIRE, 1987).

Segundo Freire (1987, p. 44),

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido dentro dos espaços de economia solidária preza pelo diálogo que envolve todos e todas os/as trabalhadores/as, justamente, por serem fruto de uma sociedade onde os oprimidos não tem voz, assim, sabem que nesses espaços homens e mulheres são ouvidos, já que, como diz Freire “ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho” (1987, p. 44).

Sendo assim, através do diálogo que envolve todos e todas nos espaços de formação e também de trabalho em Economia Solidária, é que se transforma o mundo, aos poucos. A partir do trabalho se constitui o diálogo, que possivelmente engloba as comunidades ao redor e assim se espalha pelo mundo na esperança da (re) construção de um mundo melhor, ou seja, mais solidário.

1. O diálogo por Freire

A capacidade de que o homem tem de se comunicar é incomparável com a de qualquer outra espécie na Terra. Através da palavra – unidade básica da linguagem humana -, pode-se comunicar aquilo que desejado pela mente. É pela fala que se materializam todas as intenções do pensamento, em outras palavras, todas as pretensões e/ou intenções de ideias vindas do homem, que podem ser: construir uma ação, descrever o mundo, relacionar-se com alguém, entre outras. Para EMEDIATO (2004) “Cada função da linguagem expressa uma intenção específica do sujeito que comunica. Ao elaborar uma frase, escrita ou oral, estamos representando uma intenção [...]”

Contudo, para Freire, o diálogo assume um papel para além dos tipos de comunicação da linguagem, abordado por muitos linguistas. Freire, em *pedagogia do oprimido*, teoriza sobre a função do diálogo de forma ética, a favor da sociedade, relaciona a dialogicidade diretamente com a educação, mas não para qualquer

educação, antes sim para uma educação libertadora³. Mais do que reproduzir as palavras em uma realidade imitada é aprender a descobrir uma nova realidade por meio da dúvida, pois nesta aprendizagem é necessário que o sujeito pense através de si, e considere também o seu entorno, contexto intercultural. Neste sentido, tem-se o filósofo Sócrates que “fazia da palavra um poder político para analisar os poderes públicos da *Polis*” (MÁRQUES-FERNÁNDEZ, 2014, p.85). Pois a dialogicidade filosófica só tem sentido quando pode contribuir democraticamente para um espaço civil e público.

Essa dialética foi desenvolvida pelo pedagogo, sobretudo, pelo descontentamento do pensar que a educação tradicional sustentava. Freire viu em sua abordagem educacional o pensar crítico e consciente, promovendo, sobretudo, o diálogo das classes dominadas ou oprimidas, rompendo, assim, a “cultura do silêncio” mantida por estudantes que aceitam passivamente a imposição do professor como autoridade, redefinindo as relações de empoderamento na sala de aula, onde estabelece a relação educador-educando e educando-educador.

É através do diálogo que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.[...] (FREIRE APUD FINKELPEARL, 2011, p. 68).

É importante se destacar que tais diálogos não se tratam de simples falatórios, mas em ações colaborativas em um considerável período temporal -as quais serão abordadas com alguns exemplos no capítulo seguinte -, tais diálogos fazem parte de um processo educacional que visa ao estímulo da consciência crítica e compreensão da realidade social do oprimido, bem como a de sua valorização, auto-estima e empoderamento. No capítulo a seguir, tratar-se-á desta práxis educativa no campo da Economia Solidária, e em como alguns diálogos se transformaram em prática social e libertadora na realidade de muitos atores do movimento social.

2. Diálogo e Economia Solidária

Inicialmente é necessário que se apresente o que é a Economia Solidária e em que contexto ela surge. De acordo com Ademar Bertucci (2003, p. 70),

³ “Libertação é um conceito central no pensamento freiriano, intrinsecamente vinculado a liberdade, conscientização e revolução [...]. Freire descreve a libertação como uma práxis, “a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1970, p.72)” (JONES, 2010, p.243 in Dicionário Paulo Freire).

A EPS⁴ nasce de uma postura crítica frente ao atual modelo de exclusão e se guia por um mercado solidário. Sem desconhecer o sistema econômico mundial hegemônico vigente, dentro do qual é preciso sobreviver, a economia solidária está abrindo possibilidades de expansão de um mercado não-capitalista, fundado na cooperação entre unidades de trabalho entre si e destas com os consumidores, visando o desenvolvimento humano sob custos sociais menores, orientando-se por valores como a solidariedade, a autonomia, a igualdade e a democracia. [*Índice nosso*]

É nesse sentido, por ser um movimento contra hegemônico, que a Economia Solidária é um espaço que cultiva dentre outros valores, como os já citados por Bertucci, também o do diálogo. Esse é um componente primordial nas relações de trabalho estabelecidos dentro dos espaços de Economia Solidária, diálogo com o outro, de (re)conhecimento do outro e do mundo. Para Freire (1970, p. 93),

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidariza o refletir o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes.

Nesse sentido, as cartas pedagógicas do Curso Estadual em Economia Solidária – Desenvolvimento Territorial Solidário Sustentável e Superação da Pobreza pelo projeto CFES – RS em cinco períodos no decorrer do ano de 2014, no Convento dos Capuchinhos em Porto Alegre vão ao encontro da dialogicidade refletida por Freire e pelo movimento EcoSol, pois nelas encontram-se relatos de experiências de atores que participaram das atividades do curso de formação de educadores/as de empreendimentos, instituições de apoio à Economia Solidária e gestores públicos de programas ligados ao Plano Brasil Sem Miséria ou também de prefeitura que desenvolvem projetos de formação financiados com recursos da Secretaria Nacional de Economia Solidária (MTE). Dessa forma, há um razoar⁵ dialógico entre o movimento e os atores, pois o conhecimento não é algo estanque. Se por um lado, há o movimento com uma metodologia participativa, por outro lado, há os relatos que desconstroem e reconstroem esta metodologia, através de críticas, sugestões e reflexões de experiências singulares. Como é possível observar nos trechos de algumas dessas cartas, a seguir, em que os participantes tiveram um meio valorizado de poderem dizer a sua palavra refletida e com liberdade:

⁴ Economia Popular Solidária.

⁵ De acordo com Márques-Fernández (2014, p. 91), “[...] o razoar dialógico é uma experiência de pensamento muito particular, pelo fato de ser através do diálogo que se podem multiplicar as lógicas racionais e nossas capacidades hermenêuticas”

“Os papos estão cada vez mais descontraídos, (com a cerveja no final do dia) e também mais profundos (conversas antes de dormir nas escadas). Acho que estes papos agregam mais do que todo o resto [...]. Com tudo o que está acontecendo na minha vida, este curso me caiu muito bem: estou aprendendo a me soltar mais, expressar minhas idéias (sic) sem medo de ser ridícula, fortalecer conceitos e deletar outros já ultrapassados [...].”(Participante Frida⁶)

É interessante perceber que os diálogos se estabelecem continuamente em todo processo de formação, ocorrem em momentos de formalidade, mas, sobretudo, nos momentos informais.

Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a *pronúncia* do mundo, para a sua transformação. (Freire, 1987, p. 96)

No trecho retirado de outra das cartas pedagógicas, observa-se outra questão destacada pela participante, ou seja, de que o diálogo desenvolvido não é uma imposição de ideias, ou seja, “O diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não sloganiza.” (FREIRE, 1987, p. 97), pelo contrário, ele produz outras reflexões em cada um dos indivíduos envolvidos, como é possível observar no fragmento abaixo:

“Conheci pessoas do bem, lutadoras do dia-a-dia por um outro mundo, movidas pelo coração (mas com muita razão também), e isso foi o melhor do curso para mim, as pessoas. [...] os temas são muito valiosos para mim: a economia da competição x a economia do amor; quem são, afinal, os extremamente pobres?; (sic) De quais formas podemos lutar dentro do jogo político?;(sic) Com políticas públicas?; (sic) Como planejar um empreendimento de economia solidária?” (Participante Simone)

Sendo assim, nesse excerto, destaca-se a própria indagação da participante, que saiu da formação com mais dúvidas, do que certezas. E, assim, quebra o que Freire chama de *cultura do silêncio*, na qual o oprimido não tem voz para questionar.

Para Paulo Freire a *cultura do silêncio* é produzida pela impossibilidade de homens e de mulheres dizerem a sua palavra, de manifestarem-se como sujeitos de práxis e cidadãos políticos, sem condições de interferirem na realidade que os cerca, geralmente opressora e/ou desvinculada de sua própria cultura. (Osowski, 2010, p.101)

Estes pequenos exemplos de excertos retirados das cartas pedagógicas reforçam a importância de estabelecer diálogos, e não monólogos, na formação de trabalhadores e trabalhadoras, aqui em específico do movimento de EcoSol. As

⁶ Os nomes utilizados para representar os participantes são fictícios, a fim de preservar suas identidades.

cartas assumem um papel fundamental de relatoria, para além de informações meramente burocráticas, elas extraem a essência humana dos atores.

Conclusões

Através das cartas pedagógicas escritas por atores da economia solidária foi possível perceber o quão importante é a inserção do diálogo estimulado por uma metodologia dialógica nesses espaços de formação, principalmente como troca entre os sujeitos e, não como imposição de nenhuma das partes. Ao longo do que foi estudado neste trabalho, observamos que somente através da libertação que o diálogo promove é que se pode agir ética e justamente para a construção de relações horizontais com o outro. Nos relatos das cartas foi possível perceber que os/as participantes não apenas vivenciavam a experiência proporcionada pelo curso, mas também puderam expressar o que sentiram e aprenderam durante o processo, sendo assim, estabeleceram um diálogo entre si e também com o mundo, já que além de diálogos também surgiram indagações a partir de suas vivências, indagações essas que de alguma forma questionavam o porquê das coisas e refletir sobre essa realidade.

Referências

BERTUCCI, Ademar de Andrade; SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Vinte anos de economia popular solidária: trajetória da Cáritas Brasileira do PACs à EPS.**

Brasília: Cáritas Brasileira, 2003.

EMEDIATO, Wander. **A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura.** – São Paulo: Geração Editorial, 2004.

FINKELPEARL, Tom. Entrevista – Paulo Freire: uma discussão sobre o diálogo. In: HELGUERA, Pablo (org.); PASQUETTI, Camila; MEIRELLES, Clara. PETIT, Gabriela; HOFF, Mônica; LUCAS, Natália (trad.). **Caderno de Mediação.** Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MÁRQUES-FERNÁNDEZ, Álvaro B. **Pensar com os sentimentos: razão, jescuta, diálogo, corpo e liberdade.** Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2014.

OSOWSKI, Cecília Irene. Cultura do silêncio *in* **Dicionário Paulo Freire.** Danilo R. Streck. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski. (orgs.). -2. Ed., ver. Amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.101.